

O PALMAR DE TIBURCIO E OS CURRAIS DE PALMAS

OSVALDO ANDRÉ OLIVEIRA*
CLÁUDIA ADRIANA ROCHA TEIXEIRA**
NÉSTOR ROCHA***

RESUMO

O palmar transplantado pelo Sr. Tiburcio Rocha em 1924, na cidade de Castillos, Departamento de Rocha – Uruguai, abrange aproximadamente uma área de campo de 1000m². A palmeira *Butia capitata* que constitui essa pequena floresta é de extrema importância para analisar-se outros sistemas onde se encontram essas árvores, principalmente os currais de palmas, construídos provavelmente no início do século XVIII. Os currais estão localizados desde as margens da Lagoa Mirim, na cidade de Santa Vitória do Palmar, Brasil e no sudeste do Uruguai, até as margens da Laguna Negra e em diversas áreas alagadiças desses países.

PALAVRAS-CHAVE: *Butia capitata*, currais de palmas

ABSTRACT

The palm tree yard transplanted by Mr. Tiburcio Rocha in 1924 in Castillos Town – Uruguay covers approximately 1000 square meters on the field area. *Butia capitata* palm tree which forms this small wood is extremely important to analyze other palm tree anthropogenic yards, mainly those palm horse-holds built probably in the eighteenth century. Horse-holds are located from the Mirim Lagoon, in Santa Vitória do Palmar, Brazil, until the Negra Lagoon in the southeast of Uruguay. This phenomenon may be observed in many pluvial lakes of both countries.

KEY-WORDS: *Butia capitata*, palm tree horse-holds

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca expor o diálogo que surgiu a partir do estudo dos palmares entre duas cidades vizinhas. Essas cidades estão

* Mestrando em Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: andrehermena@yahoo.com.br

** Mestranda em Educação Ambiental – FURG. E-mail: claudiarteixeira@yahoo.com.br

*** Pesquisador do palmar de *Butia capitata* da cidade de Castillos e membro da ONG Casa Ambiental. Email: soydeleste@yahoo.com.ar

localizadas em países diferentes – Castillos no Departamento de Rocha, Uruguai, e Santa Vitória do Palmar, no Extremo Sul do Brasil (Figura 1).

O município de Santa Vitória do Palmar faz parte da região de fronteira antigamente denominada Campos Neutrais ou "*terras de ninguém*". Durante o período da colonização, o ambiente era desprovido de árvores adequadas à construção de mangueiras, currais, cercas e outras estruturas necessárias para trabalhar com o gado, base econômica da época. Assim, a floresta de *Butia capitata* superou muitas dessas deficiências, pois essas palmeiras serviam de encerras e currais para a lida campeira.

A pesquisa realizada no ano de 2004 identificou no município de Santa Vitória do Palmar 17 currais constituídos de palmeiras (Figura 2). Esses currais estão associados a outras estruturas de matas nativas de maiores dimensões, que provavelmente tiveram dupla função: de preservar as chácaras e de encerrar as tropas. Como podemos observar, historicamente o colonizador utilizou-se da floresta para a construção de currais, das folhas para cobertura de edificações, entre outras utilidades. Culturalmente, as palmeiras são elementos importantes de subsistência dos povos nativos que perduram até os dias atuais para algumas famílias rurais que vivem em seu entorno.

O palmar (Figura 2) construído pelo Sr. Tiburcio Rocha (Figura 3) no ano de 1924 contribuiu para a interpretação do processo de transplante das palmeiras. A realização do transplante de árvores com a finalidade de preservar a espécie significou para Tiburcio momentos de experiência e de preocupação com a extinção das palmeiras.

A problemática que envolve as estruturas de currais de palmas, através dos sinais de estreitamento do caule, causado pelo transplante da árvore, serve de referencial para interpretações sobre as técnicas utilizadas pelos criadores de gado desta região litorânea.

O PALMAR CRIADO POR TIBURCIO

No início do século XX, urgentes medidas de proteção e mitigação dos palmares de Castillos faziam-se necessárias. Uma iniciativa de salvamento foi feita por Tiburcio Rocha, que transplantou plantas que formaram um palmar que hoje ocupa 1.000m².

Aqui se constitui uma história, a ser seguida pelos governantes, governados, organizações e cada indivíduo. O Sr. Tiburcio Rocha era um produtor rural da zona de La Cueva Del Tigre, na localidade do Cerro dos Rocha. Conforme seu filho Fernando Rocha, 87 anos, no ano de 1924, Tiburcio efetuava limpeza em uma área de seu campo que

estava coberta pela *banana silvestre*, com objetivo de lavar a terra, e encontrou um importante número de palmas-butiá ainda pequenas, protegidas pela espécie antes citada. A fim de preservá-las, selecionou uma área de 1 hectare e transplantou entre quinhentas e seiscentas palmas. Tiburcio realizou esse processo de remanejamento em dias nebulosos, de pouca visibilidade, para evitar ser alvo de zombaria por parte de seus vizinhos.

Fernando Rocha recorda as palavras de seu pai: ... *yo aprecio mucho a las palmas, no les voy a dejar que se sequen, tampoco dejarlas tiradas o quemarlas*. Tiburcio não permitia que as destruíssem, ...*las planté para verlas bonitas...*” Assim, teve a precaução de proteger o acesso ao palmar, cercando-o com a “*banana silvestre*”.

Ao observar o palmar de Tiburcio pode-se perceber a simetria nos espaços entre as palmeiras e um alinhamento nas laterais. Fernando Rocha comenta que a cada dois anos aproximadamente era efetuada limpeza dos troncos, extraíndo ou eliminando pencas que eram aproveitadas para lenha do fogão e o forno de fazer pão.

Quando o Sr. Tiburcio precisava das folhas de palma para cobertura de telhado nas moradias e galpões, efetuava o corte de certa quantidade de folhas por espécie, dentro de uma visão de sustentabilidade. Os cachos de butiás não eram cortados até que as palmas possuíssem a altura de um exemplar adulto. Uma atividade bem comum efetuada pelo Sr. Tiburcio era a encerra dos porcos dentro do palmar para que comessem os frutos maduros caídos ao solo.

O Sr. Tiburcio manteve em segredo o êxito de seus transplantes e quando alcançou uma idade avançada repassou sua experiência: “... *hay que marcar la hoja de la palma que se orienta hacia la salida del sol y trasplantarla en la misma orientación, a ese punto cardinal...*”. Atualmente as pessoas que vão executar o transplante de palmeiras butiá seguem suas técnicas.

OS PALMARES DE *BUTIA CAPITATA* COMO INDICADORES DE UMA IDENTIDADE CULTURAL NOS MUNICÍPIOS DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR (RS) E CASTILLOS (UY)

Os palmares de *Butia capitata*, nome científico da pameira do butiá, tem como principais características: tronco simples, espesso, de até 10 metros de altura, com cicatrizes dos restos dos pecíolos, folhas fortemente arqueadas, verde-azuladas, de pecíolos com pequenos dentes nas margens. Frutos com mesocarpo comestível e resistente à geada (LORENZI, 1996).

Essas palmeiras são nativas, ou seja, espécies encontradas

naturalmente em território brasileiro, e também podem nos países vizinhos em estado nativo. Ocorrem em Santa Vitória do Palmar (RS) e Castilhos (Uruguai), onde constituem ecossistema único no mundo, protegido pela UNESCO (1976)¹ como patrimônio natural da humanidade.

Sabe-se que os palmares sofrem sérios riscos de extinção. O objetivo deste enfoque é torná-los perceptíveis como indicadores de uma identidade cultural desses municípios, pois essa paisagem não ocorre em outras partes do mundo, apenas no Brasil, mais especificamente na Bahia, Goiás, nos cerrados de Minas Gerais e na região Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As palmeiras de *Butia capitata* representam muito para essas regiões, pois desde os tempos remotos as sociedades indígenas que aqui habitavam tinham como recurso alimentar o fruto do butiá, rico em nutrientes.

Esses recursos naturais também foram explorados economicamente. As fábricas de fibra vegetal inicialmente estavam localizadas no meio rural nos próprios palmares e depois na cidade de Castillos. A fibra vegetal era elaborada à base de folhas da palma para a fabricação de solas de sapatilhas, recheio de bonecas, colchões, assentos e respaldo de cadeiras entre outras utilidades. Também em Castillos na década de 40 houve uma fábrica de azeite extraído das amêndoas, que era utilizado na fabricação de sabão de coco em forma experimental. As folhas das palmas também eram aproveitadas como quinchas² de galpões. As cascas ou pencas serviam como lenha para fornos de cozinha na campanha e em padarias.

Atualmente encontram-se comunidades que têm nesses palmares sua subsistência. Nos meses de fevereiro, março e abril, instalam-se na beira da estrada Pelotas–Rio Grande e Santa Vitória do Palmar–Castilhos vendendo produtos típicos artesanais de suas regiões, neste caso, produtos oriundos da palmeira *Butia capitata*. Dentre os produtos pode-se citar: o café de coco e o licor, extraídos da amêndoa; licor, vinho de palma, geléias, marmeladas, molho agridoce e mel, feitos à base do fruto.

Como se pode observar, este ecossistema é rico, diversificado e complexo. Saindo um pouco da cultura culinária, ainda se destacam símbolos que estão presentes no cotidiano e muitas vezes passam despercebidos, como: canções nativas, literatura regional, iconografias, pinturas nos muros (Castillos), escudo departamental (Rocha), pintura

¹ Em 1976 a UNESCO declara os banhados do leste do Uruguai reserva de biosfera. Os palmares de *Butia capitata* estão diretamente vinculados a esses alagadiços e por constituir um ecossistema único no mundo, são considerados patrimônio da humanidade.

² “Quinchas” são coberturas de casa ou galpões, feitas com a folha das palmeiras ou da palha-de-santa-fé, comum na vegetação próxima aos banhados.

na pedra no trevo de acesso à cidade (Santa Vitória do Palmar), entre outros.

CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA

Ao analisar o palmar com idade de 73 anos plantado por Tiburcio, obtemos dados importantes para o estudo dos sinais de estrangulamento encontrados nas palmeiras utilizadas na construção de currais (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2006).

As técnicas aplicadas por Tiburcio são singulares, produto de sua experiência com as plantas e principalmente de afetividade. Sabe-se que ele procurou aproveitar mudas que estavam entre outros arbustos e também outras coletadas de locais em que corriam risco de serem pisoteadas pelo gado.

Na pequena plantação, as árvores apresentam-se ainda com a base do pecíolo³ das antigas folhas presa ao caule e substituída pela nova, de modo que o caule tornou-se bastante grosso (Figura 5).

A altura do palmar está em média entre 4m e 6m. Acima destas medidas o esforço humano seria maior para retirar as árvores de um local para outro. O que fica evidente é o momento em que Tiburcio transplanta a palmeira – ainda no estágio de plântula⁴ (Figura 6) ou no máximo com dois anos de idade, fase em que é fácil realizar o remanejo e as palmeiras não apresentarão estrangulamentos ou outro tipo de anomalia.

Não há informações semelhantes dos “construtores” dos currais, deixando questionamentos interessantes quanto ao período de remanejo das plantas. Assim, busca-se alcançar respostas, no sentido de saber qual foi o momento considerado ideal para o transplante das palmeiras na construção dos currais.

As palmeiras existentes nas estruturas dos currais possuem sinais de estrangulamento a partir de certa altura, e assim delineamos um estudo comparativo entre o palmar de Tiburcio e os currais de palmas existentes nos municípios de Santa Vitória do Palmar e Castillos. No entanto, no levantamento dos currais de palmas realizado em Santa Vitória do Palmar (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2005), constatou-se uma variação quanto à altura⁵ em que se encontram os sinais de estrangulamento entre 1,50m e 1,80m. Desde então, é um dado

³ Conforme dicionário da Língua Portuguesa, pecíolo é a parte da folha que prende a extremidade ao tronco e aos ramos (SILVEIRA, 2001).

⁴ Plântula é a planta recém-germinada, cujas pequenas folhas atingem a altura entre 0,10cm e 30cm.

⁵ Estas medidas não foram consideradas precisas, pois é preciso verificar o nível do solo que está conturbado pelo pisoteio do gado e pelo plantio de lavouras.

importante para realizar o transplante com a árvore praticamente adulta e aproximar-se de uma idade da árvore que provavelmente estaria entre 8 e 15 anos.

Os sujeitos que exerciam a lida do campo provavelmente necessitavam de estruturas que solucionassem suas tarefas em curto prazo. Entende-se que a medida da altura dos estrangulamentos encontrada nas palmeiras dos currais está na base do pecíolo de folhas novas na extremidade superior do caule. Dessa forma, é nessa altura que se inicia o processo de estreitamento do caule. Os fatores mais prováveis podem ser o rompimento das raízes e a falta de água nos primeiros dias em novo terreno.

As análises sobre o estreitamento de caule nas palmeiras encontradas nos currais de palmas em Santa Vitória do Palmar (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2005) são realizadas a partir de dois elementos sinalizados nos caules: o estrangulamento que se estende entre 20cm e 60cm seria ocasionado pelo método de transplante (Figura 7). O estrangulamento que está a não mais de 10cm de altura e não ocasiona afinamento nem acima, nem abaixo de onde se encontra o sinal, seria causado por amarras⁶ (Figura 8). Outra importante hipótese em relação às árvores que se encontram com os sinais de amarras é de que estas já estavam no local e foram aproveitadas para a construção do curral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As regiões das cidades de Santa Vitória do Palmar e Castillos possuem em comum na sua geografia as florestas de *Butia capitata* e, em contexto, as construções dos currais de palmas pelo primeiro colonizador português e espanhol – ou talvez os indígenas? A documentação relativa a esse período é escassa de informações detalhadas de muitas das atividades exercidas pelos homens que povoaram a região. Desse modo, a investigação por parte de especialistas de várias áreas da ciência, como arqueólogos, historiadores, geógrafos, botânicos e outros, contribuirá para esta construção historiográfica.

A pequena plantação de palmeiras realizada por Tiburcio despertou a atenção para tantos elementos, mas com uma peculiaridade: sua paixão pela palmeira. Desde então, há consciência de que é possível estender-se muitas outras análises deste pequeno palmar para outras áreas de pesquisa, como por exemplo: uma

⁶ Provavelmente seria amarra de couro ou da casca de embira, árvore de pequeno porte característica da região.

pesquisa da floresta enquanto transplantada; estudo sobre fungos, parasitas e doenças; dos animais e insetos que a utilizam como meio de sobrevivência, entre outras. Na verdade, o “palmar de Tiburcio” pode ser considerado um laboratório vivo.

A contribuição do palmar de Tiburcio é importante para diversas pesquisas, pois as fontes são confiáveis, há contexto e, principalmente, a data estabelecida para a construção da pequena floresta artificial. A afetividade e o ato de preservação da palmeira *Butia capitata* torna Tiburcio um sujeito singular para seu tempo e um exemplo para as futuras gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à ONG Casa Ambiental pelo magnífico trabalho de preservação e conscientização e por auxiliar em nossas pesquisas na cidade de Castillos; ao biólogo Giancarlo Geymonat (responsável pela ONG), pelas informações disponibilizadas; ao Prof. Dr. Luiz Henrique Torres, pela orientação e revisão da pesquisa; Sr. Osvaldo Oliveira, que financiou as pesquisas de campo; Prof. MSc. Marlon B. Pestana, pelo incentivo às pesquisas e pela tradução do resumo para o inglês; ao jornalista Mário Sosa, do Canal 4 do Departamento de Rocha, pela divulgação da pesquisa, ao Prof. Eng. Florestal Leopoldo Witeck, pelo empréstimo de bibliografia e sugestões.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

Entrevista com Fernando Rocha (filho de D. Tiburcio) ao programa de televisão “Al Ritmo de la Vida”, da Casa Ambiental, Castillos – Departamento de Rocha – Uruguai, 1996.

Fontes secundárias:

Livros:

BARRIOS PINTOS, A. *De las vaquerias al alambrado*: contribución a la historia rural uruguaya. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1967.

LORENZI, H. et. al. *Palmeiras no Brasil*: exóticas e nativas. Nova Odessa: Plantarum, 1996.

OLIVEIRA, O. A. Estudos preliminares dos fatores destrutivos dos sítios arqueológicos no Litoral Sul do Rio Grande do Sul, Brasil. In: MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 5. *Anais...* Rio Grande: FURG, 2006.

OLIVEIRA, O. A.; TEIXEIRA, C. A. R. Cural de palmas nos Campos Neutrais. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA: ARQUEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TURISMO, 13. *Anais...* Campo Grande: Ed. Oeste, 2005.

_____. Levantamentos arqueológicos no município de Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, 11. *Resumos...* Salto, Uruguay, 2005.

RELATOS DEL PALMAR. Disponível em: <<http://www.chuynet.com/columnistas/nestorrocha/2003/palmerabutia.htm>>. Acesso em: 07 maio 2008.

SILVEIRA BUENO, F. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 2001.

ANEXOS:

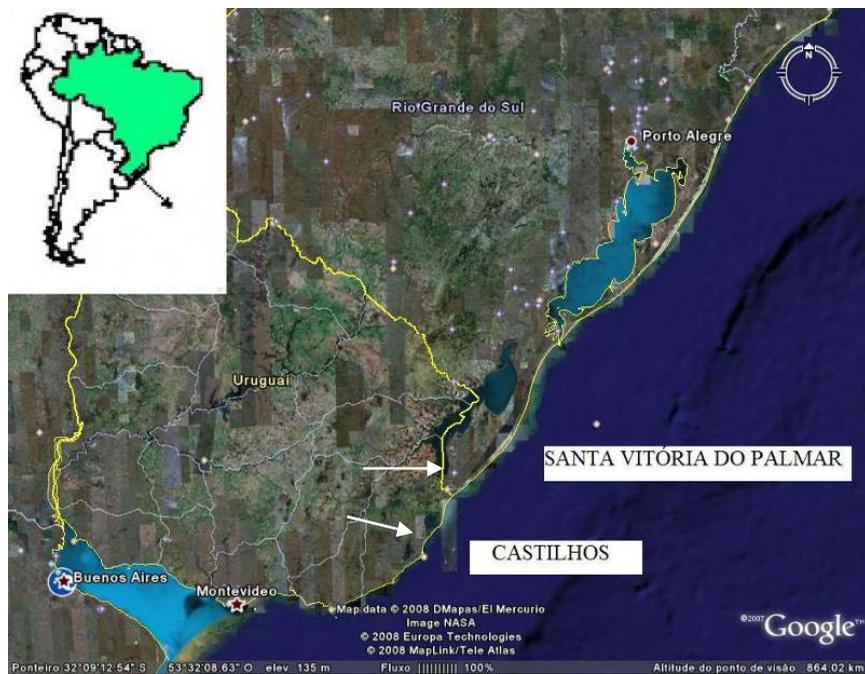


Figura 1 – Mapa de localização
Fonte: Google Earth modificado 2008.



Figura 2 – Curral de palmas na cidade de Rocha – Uruguai
Fonte – Barrios Pintos, 1967



Figura 3 – O palmar de Tiburcio
Fonte: Oliveira, O. A., 2008.



Figura 4 – Retrato de Tiburcio
Fonte: Néstor Rocha, 2003



Figura 5 – Caule com pecíolo
Fonte: Oliveira, O. A., 2008.



Figura 6 – Foto da plântula
Fonte: Documentário *Butiá, las voces del palmar*

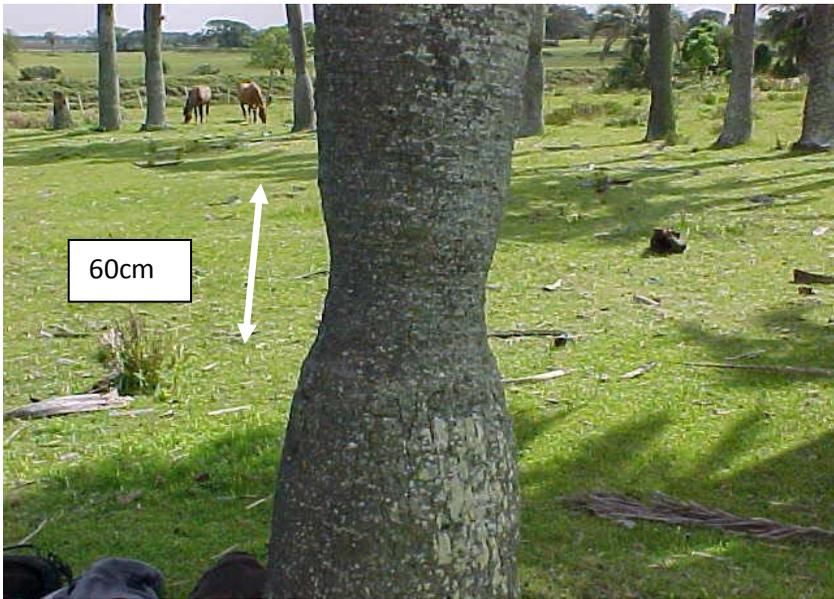


Figura 7 – Estrangulamento supostamente ocasionado pelo método de transplante
Fonte: Oliveira, O. A. 2008.



Figura 8 – Estrangulamento supostamente causado por amarras
Fonte: Oliveira, O. A. 2008.